

Literatura de ancestralidade negra: encruzilhadas diaspóricas /
Black Ancestral Literature: Diasporic Crossroads

A literatura de ancestralidade negra tem se afirmado como um campo de investigação fundamental para a compreensão das dinâmicas históricas, culturais, identitárias e discursivas que envolvem as manifestações artísticas e culturais da e na diáspora. Entre tradição e contemporaneidade, envolta no tempo espiralar que caracteriza a cronologia étnica africana e afro-diaspórica, essa produção literária desafia categorias estabelecidas, propõe novos olhares críticos e poéticos, além de ressignificar epistemologias, evidenciando a centralidade da ancestralidade como forma de resistência, afirmação identitária e estratégia de enfrentamento político.

A diáspora africana estabeleceu-se como um campo sólido de investigação acadêmica há mais de um século, inicialmente vinculada à história do continente africano. Desde então, tem atraído crescente atenção em diversas disciplinas acadêmicas, especialmente em estudos culturais, literários, históricos e sociais. Os trabalhos reunidos neste dossiê evidenciam esse interesse crescente, refletindo a diversidade e vitalidade dos estudos sobre a diáspora, os quais vêm sendo constantemente ressignificados e ampliados enquanto espaço de investigação epistemológica, política e artística, iniciando com pioneiros como Paul Gilroy e seu conceito seminal do Atlântico Negro, até as reflexões críticas de Stuart Hall sobre identidade e diferença, passando pelas contribuições fundamentais de Édouard Glissant acerca da poética da relação e do conceito de criouliização. No Brasil, destacam-se contribuições fundamentais como as de Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, que trouxeram perspectivas críticas inovadoras à discussão das relações raciais e da cultura afro-brasileira e afrodescendente.

Nos últimos anos, o conceito de diáspora tem se complexificado significativamente. Nesse sentido, a diáspora deixa de ser entendida como uma simples transferência de elementos culturais fixos, passando a representar um movimento contínuo e plural de reinvenção, híbrido e heterogêneo, caracterizado pelo trânsito constante entre culturas e temporalidades diversas.

A centralidade da noção de diáspora revela, portanto, não apenas a trajetória histórica de deslocamento forçado, mas sobretudo um espaço contínuo de resistência e transcriação cultural. Nesse sentido, a ancestralidade negra surge como elemento estruturante na encruzilhada habitada pelo tempo espiralar, a memória e a invenção, atuando como uma prática discursiva capaz de promover a elaboração crítica de experiências históricas traumáticas e criminosas em constante reelaboração simbólica.

Ao mobilizar memórias, discursos e estéticas próprias, este dossiê contribui para Relação, segundo Glissant, ou seja, movência e constante (re)significação das experiências diaspóricas, oferecendo leituras críticas fundamentais sobre questões raciais, identitárias e sociais que nos atravessam. Tanto é que, ao reunir estas contribuições, ecoamos as palavras de Édouard Glissant sobre a Relação ser feita de conhecimento partilhado,

Para todos nós, sem exceção, e mesmo quando mantemos o afastamento, o abismo também é projeção e perspectiva de desconhecido. Para além de seu precipício, nós jogamos sobre o desconhecido. Tomamos o partido desse jogo do mundo, o das Índias renovadas, o qual interpelamos, o dessa Relação de tempestades e de calmarias profundas onde honramos nossas barcas.

É isso o que nos mantém em poesia. Mesmo se consentimos com toda irrecusável tecnologia, mesmo se concebemos o sobressalto das políticas a serem concertadas, o horror de superar as fomes e as ignorâncias, as torturas e os massacres, e a plena medida do conhecimento a ser domesticado, o peso de cada maquinaria que, no fim, controlaremos, e a fulguração desgastante das passagens de uma era para outra, da floresta para a cidade, do conto para o computador – está, à frente da proa doravante comum, esse rumor ainda, nuvem ou chuva ou fumaça tranquila. Nós nos conhecemos na multidão, no desconhecido que não aterroriza. Nós gritamos o grito da poesia. Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos (Glissant, 2021, p. 33).

Este dossiê reafirma a força da barca. Recebemos uma significativa quantidade de artigos, dos quais foram selecionadas 24 contribuições, que refletem não apenas a diversidade de abordagens teóricas e metodológicas, mas também a amplitude geográfica e temporal das experiências analisadas. Essas pesquisas evidenciam, sobretudo, o vigor de um campo de estudos em expansão, interessado em analisar criticamente as múltiplas manifestações culturais e literárias das encruzilhadas diaspóricas.

Do dossiê, emergem temas como a denúncia dos aparelhos ideológicos coloniais, o uso da escrevivência como estratégia de resistência narrativa e pedagógica, a construção de identidades deslocadas em contextos diaspóricos, as expressões literárias que articulam religiosidade e ecocrítica e as práticas culturais específicas de grupos étnicos africanos presentes na literatura afrodescendente. Trata-se de um conjunto de trabalhos que aprofundam reflexões sobre subjetividades negras, memória, ancestralidade, maternidade, gênero, educação e processos históricos de exclusão e apagamento.

Esses artigos dialogam com e expandem debates iniciados por autores como Conceição Evaristo, cuja proposta da “escrevivência” se tornou uma referência obrigatória no campo dos estudos literários afro-brasileiros contemporâneos. Além disso, refletem um engajamento crítico com pensadoras como Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, bell hooks e Chimamanda Ngozi Adichie, cujas reflexões enriquecem as discussões sobre gênero, racismo e subjetividades negras.

No artigo “As infâncias de Bitita e Juan Francisco Manzano: autobiografia como fabulação crítica na autoria negra”, Diego Carvalho de Oliveira Soares e Amana Rocha Mattos (ambos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ) investigam como o gênero autobiográfico permite explorar as percepções de infância moldadas pelo colonialismo e escravidão. Comparando as memórias de Juan Francisco Manzano, escravizado na Cuba do século XIX, com o *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, os autores destacam a fabulação crítica como estratégia literária que supera a mera denúncia e contribui para a afirmação da autoria negra, criando novas possibilidades identitárias e de liberdade.

Em “Genealogias em espiral em Aline Motta”, Felipe Nildo Oliveira de Lima e Gustavo Silveira Ribeiro (ambos da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG) examinam o livro *A água é uma máquina do tempo* e o vídeo *Filha Natural*, ambos da multiartista brasileira Aline Motta. Os autores analisam como Motta ativa poeticamente a memória ancestral afrodiaspórica, abordando o trauma do Atlântico Negro por meio de materiais históricos e arquivos coloniais. Através de sua prática artística híbrida, Motta insere suas antepassadas negras em narrativas históricas das quais foram excluídas, produzindo uma forma de resistência cultural e política.

Paulo Fernando de Souza Campos (Universidade Santo Amaro - UNISA-SP), Maria Auxiliadora Fontana Baseio (Faculdade Rudolf Steiner – SP), Silvio Gabriel

Serrano Nunes (Universidade Santo Amaro - UNISA-SP) e Alexander Willian Eugênio de Souza (Universidade Santo Amaro - UNISA-SP) discutem, em “Masculinidades negras em *Rei Negro*, de Henrique Coelho Neto”, as representações das masculinidades negras no romance histórico brasileiro. Através da análise do discurso, o artigo problematiza estereótipos relacionados à hipersexualidade e subalternidade dos homens negros, destacando como o romance de Coelho Neto propõe uma releitura crítica dessas masculinidades, permitindo uma compreensão mais ampla e complexa das relações raciais e sociais.

O estudo de Renan Vieira de Santana Rocha (Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP), intitulado “Entre a (In)Sanidade e a Denúncia Racial: Aventuras e Desventuras Narrativas em *Diário do hospício & O Cemitério dos vivos* (1956), de Lima Barreto”, analisa como o escritor Lima Barreto aborda a interseção entre racismo e saúde mental em sua autobiografia. Ao detalhar sua experiência como paciente em um manicômio, Barreto revela as opressões raciais implícitas no tratamento psiquiátrico e amplia a compreensão sobre o lugar social do negro no Brasil do início do século XX.

No artigo “A encruzilhada mítica-ancestral em *Changó, el gran putas* de Manuel Zapata Olivella”, Lucy Miranda do Nascimento (Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT) aborda o romance épico do colombiano Manuel Zapata Olivella, que reconstrói literariamente a trajetória histórica e cultural dos povos africanos nas Américas. Utilizando conceitos como *encruzilhada*, *pedagogia da Cimarronaje* e *afrorealismo*, o estudo revela como Zapata Olivella constrói um discurso crítico que desafia representações estereotipadas e marginalizadas dos afro-latino-americanos, oferecendo novas perspectivas epistemológicas.

José Lucas Matias de Eça (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB) e Zulma Elizabete de Freitas Madruga (Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB) apresentam, em “Anúnciação de uma epistemologia decolonial: Zambiapunga como um movimento cultural de resistência”, uma reflexão teórica sobre o potencial educacional da manifestação cultural afro-brasileira do Zambiapunga. Os autores discutem como esse movimento cultural pode promover uma educação decolonial e multicultural nas escolas, subvertendo as matrizes coloniais de ensino através da valorização de saberes, memórias e práticas ancestrais.

No artigo “O outro é o meu avesso: autoidentidade, vozes narrativas e a filosofia do ato responsável no romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório”, Cristiane Corsini Lourenção, Vinícius Rangel Bertho da Silva e Rodrigo dos Santos Sbardelini (todos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP) analisam como a temática do racismo é elaborada pela linguagem na obra de Tenório. Partindo do conceito bakhtiniano de heterodiscurso, os autores refletem sobre a técnica da narração em segunda pessoa, observando como a construção da autoidentidade e das subjetividades das personagens são mobilizadas para causar impacto no leitor. Além disso, a filosofia bakhtiniana do ato responsável é utilizada para explorar as relações dialógicas que a narrativa estabelece com outras produções literárias e com a música negra brasileira.

Em “*O retorno de Tatiana*, uma história sobre a maternidade negra”, Luciana Lis de Souza e Santos (Universidade Federal de Alagoas - UFAL) analisa a representação da maternidade negra no conto “O retorno de Tatiana”, de Miriam Alves. A pesquisa investiga como a autora utiliza matrizes afro-diaspóricas para afirmar a ancestralidade negra, discutindo como Alves reflete criticamente sobre a maternidade negra, muitas vezes interdita ou marginalizada. O estudo também aborda como a religiosidade afro-brasileira aparece como um caminho de cura e resistência, discutindo conceitos como matrifocalidade e maternidade por extensão. Dessa maneira, o conto é entendido como um espaço simbólico e literário de resistência ancestral, onde o viver, o sentir e o escrever se entrelaçam.

A maternidade negra também é tema do artigo “Mulheres Quilombolas Contemporâneas: a matrigestão e ancestralidade em uma comunidade quilombola da região sul do Brasil”, em que Bruna Rosa Farias, Rita de Cássia Maciazeki-Gomes e Cassiane de Freitas Paixão (todos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FURG) analisam narrativas e experiências de mulheres quilombolas da comunidade São Manoel/Dona Geraldina, no sul do Rio Grande do Sul. A partir de entrevistas e rodas de conversa ancoradas no *mulherismo africano* e no conceito de *matrigestão*, o artigo destaca a força das mulheres negras como agentes de transformação social e familiar. Como contribuição inédita, o estudo apresenta o surgimento da psicoQUILOMBOlogia, uma abordagem psicológica que parte de saberes quilombolas e africanos, destacando a importância desses saberes para a formação em Psicologia e para a construção das identidades femininas quilombolas.

Jean Vitor Alves Fontes e Beatriz Akemi Takeiti (ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), no artigo “(Po)éticas sociais e subjetivas afro-brasileiras: ensinamentos dos povos negros e indígenas”, exploram pedagogias e ensinamentos socioculturais presentes nos mitos dos orixás e nas perspectivas filosóficas indígenas. A partir de referenciais decoloniais e contracoloniais, os autores propõem abandonar perspectivas coloniais-brancas e reinventar formas de pensar a sociedade, ressaltando relações mais integradas com a natureza, outras possibilidades de gênero e novos modelos éticos e sociais. O artigo sugere que essas (po)éticas afro-indígenas oferecem caminhos relevantes para o enfrentamento da colonialidade contemporânea.

Em “Da amefricanidade nos discursos literários negros: perspectivas cartográficas em torno dos tecnodiscursos sobre Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus”, Felipe Fanuel Xavier Rodrigues e Alejandra Judith Josiowicz (ambos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ) exploram as potencialidades das teorizações de Lélia Gonzalez, como o feminismo afro-latino-americano, o conceito de amefricanidade e o “pretuguês”. O artigo propõe uma análise cartográfica desses conceitos, observando como aparecem em produções tecnodiscursivas contemporâneas sobre Carolina Maria de Jesus e Lélia Gonzalez em plataformas digitais. A partir de uma metodologia que envolve análise qualitativa e quantitativa de *tweets*, o estudo recupera vozes, sentidos e contrapúblicos, ampliando a compreensão sobre as formas contemporâneas de representação e apropriação das trajetórias dessas autoras negras.

Ricardo Celestino (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP), no artigo “A denúncia dos aparelhos ideológicos coloniais através dos enunciados afrofuturistas em *O último ancestral*, de Ale Santos”, examina como a obra literária de Ale Santos utiliza o afrofuturismo para problematizar e denunciar a permanência de dispositivos ideológicos coloniais na contemporaneidade. Mobilizando como aparato metodológico a análise do discurso de linha francesa, combinada à psicanálise lacaniana e aos estudos de Deleuze e Guattari, o autor revela como o afrofuturismo permite ressignificar realidades por meio da construção de futuros alternativos e inclusivos. Ao evidenciar a resistência discursiva dessa abordagem, o artigo destaca a capacidade transformadora das narrativas afrofuturistas, que propõem novos agenciamentos subjetivos e sociais capazes de enfrentar estruturas coloniais ainda vigentes.

Como não poderia deixar de ser, a obra e o pensamento crítico de Conceição Evaristo é tema recorrente no dossiê, em alguns casos tema central, como no estudo “Processos de resistência e emancipação do leitor-espectador-ouvinte no combate ao racismo estrutural: a escrevivência de Conceição Evaristo em ato”, em que Adrielly da Silva Gomes (Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP-PE), André Luís de Araújo (Pontifícia Universidade Católica do Rio - PUC-Rio) e Maria de Fátima Vilar de Melo (Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP-PE) analisam como a obra de Conceição Evaristo, pautada pelo conceito de escrevivência, atua como ferramenta ativa de resistência e emancipação frente ao racismo estrutural brasileiro. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar que reúne teoria literária, sociologia e teoria crítica racial, os autores destacam como as narrativas escrevíveis promovem o reconhecimento autêntico e valorizador das subjetividades negras. Dessa forma, a escrevivência é compreendida não apenas como técnica literária, mas como ato político de construção de identidades positivas e fortalecidas por meio da literatura.

Lethicia Ramos Bernardino (UEA) e Renata Beatriz Brandespin Rolon (ambos da Universidade Estadual do Amazonas - UEA), no artigo “Dois universos femininos e os limiares das ancestralidades em Conceição Evaristo e Ana Paula Tavares”, colocam em diálogo as obras *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, e *Um rio preso nas mãos*, de Ana Paula Tavares. Com foco nas personagens femininas dessas narrativas, as autoras analisam como a ancestralidade opera como um mecanismo filosófico que permite explorar nuances performativas de gênero, raça e classe. A partir da comparação das obras, são ressaltadas as estratégias das autoras para criar personagens femininas complexas e resistentes às imposições culturais hegemônicas, fortalecendo uma agência autoral comprometida com a afirmação das ancestralidades afro-diaspóricas.

No artigo “Infâncias negras na literatura de Conceição Evaristo: memória, ancestralidade e desabrigo”, Michel Mingote Ferreira de Ázara (Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF), Silmara Lúcia Marton (Universidade Federal Fluminense - UFF) e Renata Lopes Costa Prado (Universidade Federal Fluminense - UFF) investigam como a autora Conceição Evaristo aborda as experiências das infâncias negras através das escrevivências. Com base em estudos pós-coloniais, decoloniais e no conceito de “infâncias de Gorée”, os autores exploram temas como temporalidade, memória, agência e a condição de desabrigo, mostrando como as vozes infantis retratadas nas narrativas

oferecem perspectivas profundas e sensíveis sobre as relações raciais e sociais. Assim, a literatura de Evaristo é compreendida como espaço privilegiado para a valorização das experiências negras, muitas vezes silenciadas, especialmente na infância.

Eduardo Prachedes Queiroz (Universidade de São Paulo - USP) apresenta, no artigo “Considerações a respeito de elementos constituintes de uma Escrivência”, uma análise detalhada sobre os principais elementos que compõem o conceito de escrevivência, elaborado por Conceição Evaristo. Através de reflexões teóricas e semióticas, Queiroz dialoga com autoras negras como bell hooks e Grada Kilomba, destacando elementos como a autoria negra, a ficcionalização como forma de (re)criação de realidades, a subjetividade negra no papel de protagonista e o alinhamento ideológico interno às narrativas. Ao explorar textos como o cordel “Maria Felipa”, de Jarid Arraes, o autor confirma a escrevivência como uma prática literária profundamente política e identitária.

Em “*Histórias do meu povo: Reflexões sobre pedagogias decoloniais na escrevivência de Esmeraldina dos Santos*”, Miquelly Tito-Sanches (UNIFAP-AP) e Albert Alan de Sousa Cordeiro (Universidade Federal do Amapá - UNIFAP-AP) analisam a obra literária da escritora quilombola Esmeraldina dos Santos, do quilombo do Curiaú, no Amapá. O artigo aborda como a escrevivência de Esmeraldina oferece subsídios valiosos para a construção de pedagogias decoloniais ao narrar as memórias de resistência e denúncia do racismo enfrentado por sua comunidade, bem como o impacto da devastação ambiental e dos estereótipos de gênero sobre as mulheres negras. Ao destacar essa interface entre literatura e educação, o estudo reforça a importância das narrativas quilombolas e femininas para a superação de práticas colonialistas ainda presentes nos contextos educacionais contemporâneos.

Paulo Alberto da Silva Sales (Instituto Federal Goiano - IF-Goiano), em seu artigo “O dilema racial nas grafias biográficas sobre Machado de Assis”, aborda a forma como leituras racistas e cientificistas da primeira metade do século XX influenciaram a percepção da identidade racial do escritor brasileiro Machado de Assis. Sales demonstra que intelectuais da época, movidos pelo pensamento cientificista-racista, contribuíram para o apagamento da afrodescendência do escritor, consolidando uma imagem “branca” sobre Machado. O estudo ressalta ainda como essa narrativa só começa a ser revertida a partir dos anos 1930, especialmente com a obra crítica de Lúcia Miguel Pereira,

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e72489p, jul./set. 2025

recuperando assim a importância histórica da identidade negra de Machado de Assis no contexto das relações raciais no Brasil.

No artigo “Akunna: a narrativa do sujeito deslocado no conto ‘No seu pescoço’, de Chimamanda Ngozi Adichie”, Edna Sousa Cruz, Larissa Sá Mota e Milene Oliveira Assunção (todas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão UEMASUL-Maranhão), investigam os desafios da mulher negra imigrante diante do deslocamento geográfico e cultural entre África e Estados Unidos. Por meio de uma abordagem pós-colonialista, as autoras analisam como Chimamanda Adichie aborda a construção identitária, o racismo cotidiano e genderizado e as representações estereotipadas sobre o continente africano. O artigo evidencia como o conto se posiciona criticamente contra a vitimização da mulher nigeriana, oferecendo uma perspectiva de agência e complexidade para a personagem feminina.

Paulo Petronilio Correia e Adelaide de Paula Santos (ambos da Universidade Nacional de Brasília - UnB), em “Tempo e ancestralidade em Edimilson de Almeida Pereira”, exploram como as noções de tempo e ancestralidade são trabalhadas nas obras do poeta e crítico Edimilson de Almeida Pereira, especialmente em *O ausente* e *Orfe(x)u e Exunouveau*. Utilizando referências teóricas como as de Leda Martins e Muniz Sodré, os autores destacam a importância da “literatura-terreiro” como espaço encruzilhado, onde as experiências ancestrais e diaspóricas se encontram e tensionam narrativas dominantes. O artigo sublinha como Edimilson Pereira desestabiliza o cânone literário hegemônico, permitindo a emergência de novas epistemologias negras e diaspóricas.

No estudo “Religiosidade *versus* ecocrítica em *Senhores do orvalho*, de Jacques Roumain”, escrito por Silvania Núbia Chagas (Universidade de Pernambuco - UPE), o foco recai sobre como a obra do autor haitiano Jacques Roumain articula as tensões entre religiosidade afro-diaspórica e preocupações ecológicas. Analisando a narrativa que acompanha o retorno do protagonista Emanuel ao Haiti após longa diáspora em Cuba, o artigo ressalta a crítica realizada pelo personagem em relação à responsabilidade humana perante o meio ambiente, desafiando visões religiosas fatalistas e promovendo uma consciência ecológica emancipadora. A pesquisa destaca o entrelaçamento entre espiritualidade vodu e crítica ambiental, revelando camadas profundas de resistência cultural e ética.

Vitória Carvalho (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), no artigo “Os Quiocos na obra de Anajá Caetano: práticas africanas no romance *Negra Efigênia*”, investiga as práticas ritualísticas e culturais do grupo étnico Quioco, descritas no romance pouco explorado *Negra Efigênia: paixão do senhor branco*. Carvalho analisa como essas representações literárias oferecem pistas importantes para compreender a herança cultural africana na literatura afro-brasileira. A pesquisa evidencia o potencial da obra para resgatar e revelar aspectos socioculturais da presença africana no contexto histórico e ficcional brasileiro, valorizando uma produção literária frequentemente negligenciada pela crítica.

O artigo de Luciano Barbosa Justino (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB), “Acontecimento e singularidade: *As mulheres de Tijucopapo*, o romance histórico contemporâneo da diáspora negra”, analisa a obra de Marilene Felinto à luz dos conceitos de acontecimento e singularidade propostos por Gilles Deleuze. O autor propõe uma leitura crítica que articula as noções de tempo espiralar de Leda Maria Martins e de anacronismo de Georges Didi-Huberman, problematizando fronteiras identitárias que se configuram como barreiras sociais e culturais. O romance, com sua narradora fragmentária e crítica, desloca o acontecimento histórico da batalha de Tijucopapo de 1646 para refletir sobre as fronteiras existenciais e narrativas vividas por sujeitos negros contemporâneos, enfatizando a diáspora como uma experiência sempre atualizada pela literatura.

Em “O coração nagô e sua reinvenção: orikis hoje no Brasil”, Julia Pessoa de Alquéres (Universidade Federal da Bahia - UFBA) propõe uma instigante aproximação da literatura contemporânea com as práticas poéticas e filosóficas iorubás, em especial com a forma do oriki, gênero literário que saúda e afirma a singularidade do sujeito. Alquéres defende que a obra de Marques representa uma reinvenção do oriki no contexto contemporâneo brasileiro, apontando para uma prática literária que assume contornos rituais e corporificados. A autora ancora suas reflexões nos conceitos de oralitura e ancestralidade, destacando a capacidade da escrita contemporânea de resgatar e atualizar saberes ancestrais, potencializando formas de resistência e autoafirmação identitária através da literatura.

Esperamos que a leitura dos artigos aqui reunidos estimule reflexões profundas sobre os desdobramentos e potencialidades das literaturas afro-diaspóricas, consolidando

sua relevância para a compreensão das questões raciais, culturais e políticas contemporâneas.

Não poderíamos concluir sem expressar nossa profunda gratidão à equipe editorial de *Bakhtiniana*, cuja dedicação, compromisso e apoio constante foram fundamentais para o êxito deste trabalho. Agradecemos ainda o inestimável apoio, auxílio e reconhecimento do CNPq/CAPES, Chamada CNPq/CAPES Nº 30/2023 Programa Editorial (Versão Republicada). Proc. 400913/2024-0.

Desejamos boa leitura e boa recepção dos textos.

REFERÊNCIA

GLISSANT, Edouard. *Poética da relação*. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

*Elizabeth Cardoso**

*Félix Ayoh'Omidire***

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, Campus Perdizes, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-8349-1620>; elizabethpenhacardoso@gmail.com

** Universidade Obafemi Awolowo, Faculdade de Artes, Departamento de Línguas Estrangeiras, Instituto de Estudos Culturais, Ile-Ife, Nigéria; <https://orcid.org/0000-0001-8872-7631>; feliomidire@gmail.com